



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

INTERCULTURALIDADE E INTEGRAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

Autora: Maria Aparecida Nascimento de Almeida; coautor: Olavo Barreto de Souza

Universidade Estadual da Paraíba - (*Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade* – PPGLI/UEPB E-mail: <ppgli@uepb.edu.br>)

RESUMO

O presente artigo propõe uma discussão teórico-metodológica sobre questões de identidade e diversidade, conceitos que parecem contraditórios, mas apresentam uma interdependência. Para tanto, relatamos e analisamos as experiências proporcionadas por dois projetos pedagógicos desenvolvidos nos anos letivos 2012 e 2013, *Da Cultura Erudita a Cultura Popular* e *Lei 11.645/08 Fazer Valer, Basta Querer!* respectivamente, em uma escola estadual situada na cidade de Mulungu/PB. Constatamos que a identidade não é adotada como forma de autoafirmação, mas de desqualificação de determinados grupos sociais, por isso a intervenção no âmbito educacional a fim de propiciar o oferecimento de educação de qualidade guiada por uma pedagogia com a diversidade.

PALAVRAS-CHAVE: Diversidade cultural. Escola. Integração.

1 Introdução

O presente artigo foi elaborado a partir de uma pesquisa bibliográfica e de campo e tem por finalidade trazer as discussões sobre a diversidade cultural e, consequentemente étnico-racial para o âmbito educacional, tendo em vista o fato dessas temáticas teoricamente terem ganhado um espaço considerável nas instituições de ensino a partir 1997, quando os temas transversais do currículo elegeram a Pluralidade Cultural como tópico orientador na busca por respeito mútuo, e mais recentemente com a sanção da Lei 11.645 em 2008, a qual prevê a obrigatoriedade de inclusão no currículo escolar de temáticas relacionadas à história e cultura africana, afro-brasileira e indígena.

É importante destacar que o enfoque cultural pressupõe a análise de aspectos étnicos, raciais e sociais, portanto o termo intercultural apresenta-se como o mais adequado para o trato dessas questões, pois diferente dos vocábulos multicultural e transcultural, não propõe homogeneização nem tolerância, mas o fim de uma visão vertical das culturas, onde uma se sobrepunha a outra estabelecendo assim uma

hierarquização; fundamentando uma horizontalização cultural, propondo uma abordagem que perpassasse as diversas culturas, pois não há critério algum capaz de propor hegemonia cultural e étnico-racial.

Dessa forma, a Interculturalidade propõe o respeito e integração entre os diversos sujeitos e culturas das quais são representantes o que nos impulsiona a uma reflexão desses seres sociais em suas múltiplas identidades na contemporaneidade e da postura por estes assumidas nas instituições escolares. Assim, buscamos subsídios nos mais renomados autores que enveredam por essa linha de pesquisa tais como: Laraia (2001), Fleuri (2003), Hall (2001), Silva (2011/2007), Taschner (1999) e Carrano (2008) os quais nos oferecem uma contribuição inestimável, tendo em vista a complexidade de abordagem dos aspectos aqui discutidos, devido as constantes mudanças identitárias, características do mundo pós-moderno.

Finalizamos essa abordagem destacando aspectos adequados à concretização de uma pedagogia da diversidade e a análise das contribuições dos projetos: *Da Cultura Erudita à Cultura Popular* e *Lei 11.645/08 Fazer Valer, Basta Querer!* desenvolvidos na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Major Antônio de Aquino, situada na cidade de Mulungu – PB, nos anos 2012 e 2013, os quais tiveram como propósito suscitar o respeito e a valorização pela diversidade.

2 Identidade ou identidades? Um reflexo da contemporaneidade

Antes de quaisquer considerações sobre *identidade* e *sujeito*, se faz necessário uma compreensão dos termos Modernidade e Pós-modernidade, pois nossa proposta é analisar os aspectos anteriormente destacados no mundo pós-moderno. É inegável que tal distinção não é tarefa fácil, conforme Taschner (1999) elucida.

A noção de pós-modernidade é construída em contraponto ao que entendemos como moderno, como indica Taschner (*op. cit.*). É importante salientar que esses termos apresentam características que não se resumem a questões sociais. Traçando um paralelo com a temática aqui discutida, verificamos que o comportamento do sujeito moderno, também se apresentava restrito, diferente do sujeito pós-moderno, o qual

apresenta características imprecisas tal como a definição deste termo, pois este sujeito vive em constante transformação, o que justifica o fato de determinados teóricos afirmarem que vivemos em um mundo das “identidades fluidas”.

Reportamo-nos agora há algumas considerações de Stuart Hall, em seu livro *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, com o intuito de analisarmos a construção histórica dos sujeitos; vale destacar que o supracitado autor apresenta três concepções de identidade do sujeito: a do iluminismo, que defende a permanência das capacidades de razão, consciência e ação, desde o nascimento até a vida adulta; já o sujeito sociológico é apresentado de forma mais autônoma, sendo formado na interação com a sociedade e modificado de acordo com as culturas e identidades com as quais mantém contato; enquanto o sujeito pós-moderno assume diferentes identidades em diferentes momentos, algumas até contraditórias “formadas e transformadas continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpretados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2006, p. 02). Assim diferente da concepção iluminista, o sujeito pós-moderno é construído historicamente e não biologicamente.

É pertinente destacar que o sujeito pós-moderno reflete, em sua constante mudança identitária, as contínuas transformações ocorridas na sociedade globalizada onde encontra-se inserido, precisando adaptar-se às diferentes realidades com as quais podem deparar-se, tendo em vista a substituição de uma sociedade tradicional por uma sociedade plural.

Vale salientar que é preciso, pois, ter consciência que, em determinadas situações, as identidades contraditórias podem se cruzar e se deslocar, considerando que a pluralização de identidades nos coloca diante de situações que podemos analisar sob os aspectos individuais e sociais. Assim, mesmo pertencendo a determinado grupo étnico, o sujeito pode se posicionar de forma contrária à postura adotada por um integrante do mesmo grupo.

O entendimento do sujeito pós-moderno, portanto, é essencial não apenas para nossa autocompreensão, mas também para reflexão da noção de alteridade.

2 Reflexões sobre as identidades no contexto escolar

Se os sujeitos pós-modernos, por diversos fatores destacados nas seções anteriores, apresentam essa identidade multifacetada, imaginem quão complexa não será a discussão sobre aqueles que se encontram na fase juvenil, período de descoberta sobre si, sobre o outro e sobre o mundo que o circunda. Nesse sentido, é pertinente voltarmos nosso olhar para os jovens enquanto sujeitos sociais, os quais refletem em seus comportamentos os anseios e expectativas de uma geração imediatista por estarem inseridos em uma sociedade onde foram rompidas as fronteiras de tempo e espaço, devido os avanços tecnológicos e o processo de globalização.

Não é difícil perceber que passamos por um processo de incomunicabilidade entre docentes e discentes. Tal afirmação é facilmente comprovada através dos discursos da maioria dos educadores que se isentando da culpa atribuem-na frequentemente aos alunos e pelas justificativas destes que rebatem as acusações.

Não temos por objetivo esgotar aqui essa discussão, o que seria impossível, mas gerar reflexão de como a educação escolar pode aproximar através dos componentes curriculares as habilidades e competências que os discentes devem desenvolver durante sua vida estudantil das necessidades que a realidade impõe aos nossos educandos.

Assim é preciso que as instituições educacionais façam um diagnóstico e construam uma identidade de forma a propor intervenções que se adequem a sua comunidade escolar, como foram idealizadas as experiências que são relatadas na última seção deste artigo, que de forma alguma constituem-se como modelo a ser seguido, até porque não existe receita pronta, mas que se apresentam como uma tentativa de dinamizar a aprendizagem através do trato de importantes temáticas sociais com vistas a uma formação cidadã.

Pelo exposto é perceptível que há vários entraves que dificultam nosso trabalho educacional, mas é válido lembrar que, enquanto sujeitos pós-modernos, nós, educadores, precisamos passar por um processo de autocompreensão para que a partir deste possamos intervir de forma eficaz nas relações estabelecidas no ambiente escolar, assumindo de forma responsável e comprometida nossa identidade docente, pois,

segundo Melucci (2004 *apud* SILVA, 2009, p. 47), “a identidade pressupõe sempre o entrelaçamento de dois aspectos indissociáveis: o individual e o social, pois sempre que nos questionamos sobre nós mesmos e como os outros nos percebem, esbarramos necessariamente em nossa identidade”.

É inegável que são inúmeras as atribuições profissionais, dentre as quais destacamos a formação educacional para o ingresso no ensino superior ou no mercado de trabalho, o que faz com que por vezes deixemos em segundo plano a formação dos jovens enquanto sujeitos sociais, capazes de lidar de forma harmoniosa com as transformações instantâneas que ocorrem na contemporaneidade, seguros de si e senhores dos seus atos. Além dos fatores supracitados Esteve (1995, *apud* SILVA, 2009, p. 48) enumera uma série de fatores que ao longo do tempo vêm interferindo na formação da identidade docente, dentre as quais estão questões concernentes à relação família e escola, mudanças de paradigmas na constituição do sistema educativo que implicam na atuação do professor no ambiente escolar, nas suas relações sociais e profissionais.

É inegável que devemos lutar por nossos direitos, mas também cumprir com nossos deveres tendo discernimento para intervir de forma significativa e alcançar os objetivos: cognitivos, atitudinais ou procedimentais traçados para nossos educandos preparando-nos para enfrentar as contradições que a sociedade pós-moderna possa nos apresentar. Não queremos afirmar com isso que se trata de uma tarefa fácil, mas necessária para nossa prática docente, pois o educador do século XXI deve estar preparado para os desafios, tendo discernimento para superá-los, quando depende só de si, e reivindicar a assistência necessária das instâncias educacionais que devem garanti-la de forma a viabilizar uma prática pedagógica que atenda as necessidades educacionais dos sujeitos pós-modernos.

O leitor questionador pode ter se perguntado sobre o porquê de atermo-nos aos profissionais da educação antes de tecermos nossas considerações sobre o ambiente escolar. Para tal questionamento, nossa justificativa é o fato de tomarmos os educadores

antes como sujeitos pós-modernos que precisam se reconhecer como tal para, a partir desse reconhecimento, potencializar suas habilidades para o trato com a diversidade.

3 Da cultura à interculturalidade: um apelo à igualdade

3.1 Projeto pedagógico da cultura erudita à cultura popular

A pluralidade cultural foi o tema escolhido para o projeto pedagógico desenvolvido no ano de 2012, porque além de ser um tema transversal do currículo proposto pelos PCNs (1997, 1998), constitui-se como uma forma de combate ao preconceito que perpassa pelas questões culturais, raciais e sociais, buscando contribuir com a formação de cidadãos capazes de conviver respeitosamente com a diversidade, mas vale salientar que antes de iniciarmos o desenvolvimento desse projeto, começamos a propor práticas pedagógicas que viessem a contribuir de forma positiva quando fossem efetivadas suas propostas desde 2011.

No período anterior, foram sugeridas atividades escolares e eventos externos que contribuíssem com a aquisição de conhecimento, em um primeiro momento na escola, através de aulas temáticas ministradas pelos professores, posteriormente convocando toda comunidade escolar para conosco partilhar das experiências vivenciadas, para que, por fim, a partir da implementação do projeto, os educandos, pudessem assumir o papel de agentes atuantes.

Para tanto, guiamos nossa proposta pedagógica amparados por Libâneo (2004, p. 14 apud Davydov) o qual defende que “[...] a aprendizagem e o ensino são formas universais de desenvolvimento mental. O ensino propicia a apropriação da cultura e o desenvolvimento do pensamento, dois processos articulados entre si, formando uma unidade”. Tomando por base esta premissa propomos duas fases de “ensino desenvolvimental” que são indissociáveis a assimilação de conhecimentos teóricos, que ocorreu com a ministração de aulas temáticas, as palestras: Lampião: memórias e histórias e A cultura da gente, somos brasileiros, a Apresentação do Coral da UFPB e a Oficina de Teatro, eventos que ocorreram no ano de 2011, e a progressão das capacidades dos educandos, com o intuito de possibilitar mudanças no desenvolvimento

do pensamento, o que ocorreu a partir do ano de 2012 com a efetiva implementação do projeto.

As experiências aqui relatadas foram vivenciadas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Major Antônio de Aquino, situada na cidade de Mulungu – PB, as quais antes de quaisquer propostas concretas assumiram uma identidade institucional tanto no PPP (Projeto Político Pedagógico), quanto no Plano de Gestão (2012 – 2013), o qual propondo a valorização da diversidade nos direcionou para proposta de atividades com fins primordialmente pedagógicos impulsionando-nos para o desenvolvimento dos projetos que serão foco de nossa análise nesta seção.

Ofertando o Ensino Fundamental de segunda fase (6º ao 9º anos) e Ensino Médio, a partir de 2012 a escola passou a funcionar nos três turnos devido à necessidade de atender aos cerca de 525 alunos matriculados, pois possui apenas sete salas de aula. Os projetos desenvolvidos, que serão aqui analisados, foram propostos pela professora de Língua Portuguesa, Maria Aparecida Nascimento de Almeida, mas sempre apresentaram uma perspectiva de abordagem interdisciplinar, direcionados de forma mais específica para as turmas do Ensino Médio no turno da noite, estes sempre abriram espaço para propostas de atividades que integrassem os educandos da demais turmas.

3.1 Palestras

Vários foram os momentos marcantes durante o desenvolvimento do projeto, os quais serão descritos e ilustrados na sequência. Inicialmente, a palestra **Lampião: memórias e estórias**, ministrada pelo professor Josias Barros, foi o primeiro evento extraescolar planejado e ocorreu na Câmara Municipal, da nossa cidade no dia 04 de outubro de 2011 quando ainda primávamos pela aquisição de conhecimentos, sendo aberta a toda comunidade. Posteriormente, houve a palestra **A cultura da gente, somos brasileiros**, ministrada em um outro momento, mas no mesmo local, pelo professor da Universidade Federal da Paraíba, Fernando Abath, este evento foi proposto com o objetivo de conscientizar os educandos da pluralidade cultural presente em nosso país conforme afirma Laraia (2001, p. 21): “[...] É possível e comum existir uma grande diversidade cultural localizada em um mesmo tipo de ambiente físico”. Nesse sentido, o

palestrante, o Professor Fernando Abhat, elucidou aspectos linguísticos e comportamentais característicos das diversas culturas que coexistem no Brasil, buscando valorizar as diferenças, pois são estas que propiciam a diversidade inerente ao nosso país.

3.1.2 Apresentação do Coral do Departamento de Música da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Outro evento realizado, que merece destaque, foi à apresentação do Coral da UFPB, que foi um marco para história da nossa escola, pois a maioria dos nossos educandos nunca teve oportunidade de prestigiar uma apresentação daquele porte; foi um momento único, também realizado na Câmara Municipal no dia 18 de novembro de 2011. Buscamos, através dessa apresentação, desvencilhar nossa prática educacional da que Brandão (2008, p. 36) descreve como um ensino utilitarista, instrumentista e dogmático que exclui ações culturais que possam favorecer outros meios de desenvolvimento do saber, não apenas curricular.

Na oportunidade de forma divertida e dinâmica, transmitimos a mensagem a que nos propomos de que na perspectiva intercultural “as culturas humanas são diferentes, mas nunca desiguais” (BRANDÃO, 2008, p. 35), pois da mesma forma que conhecemos peças musicais eruditas em língua portuguesa, inglesa, italiana e alemã; prestigiamos as interpretações das músicas populares, ocasião em que todos os educandos se empolgaram e perceberam suas raízes culturais.

A apresentação do Coral confirmou na prática o que já havíamos destacado teoricamente em nossas aulas temáticas, que não deve haver hegemonia cultural, pois tanto a cultura erudita como a popular tem seu valor e merecem ser respeitadas.

3.1.3 Oficina de Teatro

Em consonância com Brandão (2008, p. 37), para o qual, a educação deve-se propor como uma agenciadora de ações mais humanas e menos pragmáticas, no sentido de oportunizar a produção de criações culturais que tornem o ser pensante e, ao mesmo tempo, sensível à sua realidade, propomos uma Oficina de Teatro, realizada no prédio de nossa escola. Tal oficina foi ministrada pelo teatrólogo, diretor e cineasta Carlos

Cartaxo, que teve por objetivo além de preparar os educandos para efetiva atuação em nossa escola, fazendo com que estes pudessem passar de meros expectadores a atores socializadores da nossa cultura, sensibilizá-los através dessa arte, quanto à importância de uma convivência harmoniosa com as diferenças.

A adoção da perspectiva teatral foi de grande valia, pois nos possibilitou vivenciar, mesmo que de forma inconsciente, o sentido da palavra alteridade, já que as dinâmicas propostas nos incentivaram em determinados momentos a pensar e agir como o outro, percebendo suas emoções, sensações e sentimentos, compreendendo a postura do parceiro e refletindo sobre nossos anseios e expectativas.

3.1.4 Entrevista com Ariano Suassuna

No ano letivo de 2012, todos já ansiavam para o início do desenvolvimento do projeto, pois já tinham consciência da importância do mesmo. Nossa primeira ação foi apresentar o projeto para comunidade escolar, explicando quais seriam as primeiras atividades trabalhadas e eventos a serem realizados. Organizamo-nos também no sentido de obtermos o material necessário para realização dos eventos propostos e, no dia 09 de agosto de 2012, tivemos o prazer inenarrável de sermos recebidos pelo maior homenageado do nosso projeto, em sua residência no bairro da Casa Forte em Recife, Ariano Suassuna.

Na oportunidade, nossa admiração e respeito foram potencializados pela simplicidade, simpatia e generosidade desse mestre da Literatura Brasileira, que abriu as portas de sua casa e nos recebeu; concedendo-nos uma entrevista, que foi exibida aos nossos educandos no encerramento dessa proposta pedagógica. Um dos objetivos dessa entrevista foi trazer a mensagem do principal representante do Movimento Armorial, o qual propõe a realização de uma arte erudita a partir de elementos da cultura popular do Nordeste brasileiro. Ratificando de forma indiscutível nosso apelo de respeito e valorização da cultura popular.

3.2 Projeto Pedagógico: lei 11.645/08 - fazer valer, basta querer!

É inegável que quando se traz ao centro da discussão a diversidade cultural e étnico-racial do nosso país, antigos conflitos vêm à tona, no ambiente escolar não é

diferente. Por isso, em consonância com o Projeto Político Pedagógico da Escola e com o Plano de Gestão elaborado para os anos de 2012 e 2013, propomo-nos a concretizar o que a lei 11.645/08 dispõe no papel. Não nos limitando apenas a incluir no currículo escolar o ensino de história e cultura africana, afro-brasileira e indígena, mas propondo, através de práticas pedagógicas específicas, o respeito e a valorização das diferenças e particularidades de cada cidadão, buscando assim contribuir com o reparo de anos de discriminação e preconceito, bem como visando através da conscientização amenizar o bullying tão frequente no ambiente escolar.

Porém, para que a escola passe de lugar de exclusão a espaço de integração, é necessário uma tomada de consciência por parte dos profissionais da educação da importância de sua intervenção enquanto formador de opinião, por isso, o projeto aqui apresentado foi elaborado em dezembro do ano de 2012 para ser apresentado ao corpo docente e demais funcionários no planejamento didático, que marcou o início das atividades letivas 2013.

Para os educadores propormos um **Minicurso intitulado Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais**, e para os demais profissionais da escola uma oficina, para que estes pudessem perceber a importância do seu trabalho para a formação estudantil e cidadã dos nossos educandos, contribuindo assim para uma conscientização destes quanto à maneira mais adequada de se relacionar com nossos alunos e com os demais funcionários da escola.

O Minicurso foi realizado no prédio na escola no dia 04 de fevereiro de 2013, após a acolhida do gestor escolar que deu início os trabalhos do ano letivo. Na oportunidade, os professores foram recebidos em um ambiente propício ao trato da temática e convidados a participar de uma dinâmica na qual puderam vivenciar por um instante o constrangimento ao qual somos submetidos quando passamos por situações de racismo e discriminação. Tal dinâmica contribuiu de forma significativa para o andamento do nosso minicurso, pois, em seus relatos, os professores expressaram seus sentimentos e evidenciaram a importância do trato da diversidade étnico-racial na escola.



Tomando por base o texto trabalho em equipe, aproveitamos a oportunidade para destacar a importância de todos aqueles da equipe de apoio da escola para a formação educacional de nossos alunos, o que nos motivou a apresentá-los também nosso projeto pedagógico para o ano letivo que se iniciara. O referido projeto foi apresentado para a comunidade escolar no dia 07 de fevereiro de 2013 quando, acolhendo nossos educandos, exibimos a entrevista feita com Ariano Suassuna, encerrando o projeto anterior “Da Cultura Erudita à Cultura Popular” e apresentamos nossa atual proposta de trabalho. Na oportunidade, exibimos alguns slides com o intuito de suscitar em todos os presentes a importância do tema a ser debatido e apresentar nosso lema “Diga não ao preconceito, porque somos todos iguais na diferença e ser diferente é normal”!

Para o corpo discente, propomos atividades de conscientização e combate ao racismo como a visita a Aldeia São Francisco, na Baía da Traição e a valorização da cultura afro-brasileira na abertura dos Jogos Internos, além do desenvolvimento de aptidões na produção textual e utilização dos meios eletrônicos como forma de combater o preconceito amplamente disseminado neste meio. Possibilitando assim integração entre a comunidade escolar, através da realização e participação em eventos do município, e com cidadãos de etnias e culturas diferentes através das nossas aulas de campo.

4 Considerações finais

Com base neste estudo, é possível afirmar que as noções de identidade e diferença são indissociáveis, tendo em vista que estas palavras podem ser respectivamente definidas como: “aquilo que sou” e “aquilo que o outro é” (SILVA, 2011). Isso significa que até mesmo a identidade apresenta traços da diversidade, pois ao me identificar de determinada forma, tomo os outros como parâmetro para me definir como diferente destes. Logo, é preciso considerar primeiro as diferenças, pois são elas que possibilitam a identidade.

Vale salientar que nossa proposta ao escrever este artigo não é esgotar aqui a discussão, o que não seria possível mesmo se fosse nossa intenção, pois uma

compreensão exata das culturas e dos sujeitos que as representam, significaria a compreensão da própria natureza humana (LARAIA, 2001). Também não temos a pretensão de indicar o caminho a ser seguindo rumo a uma pedagogia da diversidade, o qual deve ser traçado e seguido mediante a identidade institucional assumida por cada escola, com a devida intervenção dos profissionais da educação, tendo como público alvo a comunidade escolar, levada em consideração a partir de suas características e peculiaridades.

Socializamos aqui as experiências por nós vivenciadas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Major Antônio de Aquino, situada na cidade de Mulungu-PB, com o intuito de destacar que uma escola pública não pode permanecer inerte diante da realidade, em que se configura, por não receber o devido apoio das instâncias educacionais superiores.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Viver de Criar Cultura, Cultura popular, Arte e Educação. In: **Cultura Popular e Educação: salto para o futuro**. Brasília: SEED/MEC, 2008, p. 25 – 38. Disponível em http://www.tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/imagens/livros/livro_salto_cultura_popular_e_educacao.pdf. Acessado em 03/06/2014.
- CARRANO, Paulo. Identidades culturais e escolas: arenas de conflitos e possibilidades, 2008. In: Coletânea de Textos Didáticos – Módulo 3 - **Sujeito Cultura e Contemporaneidade**. UEPB, 2013.
- FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura e Educação. In: **Revista Brasileira de Educação**, v. 23, maio/jun. 2003.
- HALL, Stuart. A Identidade em Questão. In: **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro DP&A, 2006. Disponível em http://www.cefetsp.br/edu/geo/identidade_cultural_posmodernidade.doc. Acessado em 04/06/2014.
- LARAIA, Roque de Barros. Da Natureza da Cultura ou Da Natureza à Cultura. In: **Cultura: um conceito antropológico**. 14º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001. Disponível em <http://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/cultura-um-conceitoantropologico.pdf>. Acessado em 03/06/2014.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. Diferença e Identidade: o currículo multiculturalista. In: **Documentos de Identidade: Uma Introdução às Teorias do Currículo**. 3ª ed. Editora Autêntica, Belo Horizonte, 2010. Disponível em <http://sites.google.com/site/teoriasdecurriculo/home/livro>. Acessado em 05/06/2014.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

SILVA, Tomaz Tadeu da. A Produção Social da Identidade e da Diferença. 10^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. In: Coletânea de Textos Didáticos – Módulo 3 - **Sujeito Cultura e Contemporaneidade**. UEPB, 2013.